

RELAÇÕES TECNOLÓGICAS DE IDOSOS DURANTE A PANDEMIA: MAPEAMENTO DE TENSÕES E IDENTIFICAÇÃO DE PREJUÍZOS A AUTONOMIA

Camila de Andrade SIMÕES¹

Elaide MARTINS²

RESUMO

O artigo traz pesquisa empírica sobre as relações tecnológicas de pessoas idosas durante a pandemia com o objetivo de mapear as tensões que permeiam esse processo e identificar os possíveis prejuízos a autonomia. Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho praxiológico com lentes teórico-metodológicas acionadas a situando no campo das pesquisas em recepção de perspectiva comunicacional e do consumo. A empiria da pesquisa abarca pessoas com 60 anos ou mais frequentadoras da Universidade da Terceira Idade (UNITERCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém. Resultados indicaram contradições na essencialidade das tecnologias de comunicação, como necessidade, facilidade e utilidade, junto à pressão social pelos usos da tecnologia, o fenômeno da vulnerabilidade de dados on-line, entre outros fatores. A autonomia esteve presente em gradações diversas e a interdependência nesses processos a coloca em estado de prejuízo quando as relações, on ou offline, se apresentaram restritivas.

PALAVRAS-CHAVE: autonomia; idosos; pandemia; relações tecnológica; tensões.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, integrante do Grupo de Pesquisa Information and Media Lab (InfoMedia) da Universidade Federal do Pará. E-mail: camilasimoestato@gmail.com

² Doutora pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, Docente Permanente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação (InovaCom). E-mail: elaide@ufpa.br

1 INTRODUÇÃO

O artigo traz pesquisa empírica sobre as relações tecnológicas de pessoas idosas durante a pandemia. É sabido que as tecnologias de comunicação e informação, em suas manifestações digitais e conectadas, se tornaram fator de pressão social evidente com atenção especial ao período da pandemia de Covid-19. Nesse contexto, indivíduos apresentando afastamentos variados dessas lógicas de usos e, ainda, no âmbito das ditas competências digitais, por exemplo, parecem ser os mesmos no centro de situações de vulnerabilidade.

Assim, é objetivo deste trabalho mapear as tensões que permeiam esse processo e identificar os possíveis prejuízos a autonomia em recorte específico. Se reconhece, de partida, que a obrigatoriedade de usos de meios e serviços digitais conectados foram exacerbados no contexto da crise de saúde mundial vivida centralmente nos anos 2020 e 2021, trazendo à tona quadros ampliados de desigualdade de usos e acessos, colocando a pessoa idosa que tenha apresentado afastamentos digitais num campo de prejuízo a autonomia.

Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho praxiológico na tentativa de abarcar o fenômeno em seus contextos ampliados de ocorrência. O universo da pesquisa, então, é o de pessoas com 60 anos ou mais com recorte empírico que dá conta de pessoas frequentadoras da Universidade da Terceira Idade (UNITERCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA), *locus* da pesquisa. A UNITERCI foi criada em 1991 e faz parte do Programa de Extensão Universidade da Pessoa Idosa da UFPA, em Belém do Pará.

A exploração das lentes teórico-metodológicas acionadas no contexto da pesquisa empírica a situa no campo das pesquisas em recepção de perspectiva comunicacional e do consumo. Segundo Vera França e Paula Simões (2016, p. 28) o objeto da comunicação é da ordem do conhecer e do identificar processos comunicativos em si, é tentar “captar o desenho dessas relações, o posicionamento dos sujeitos interlocutores; a criação das formas simbólicas; a dinâmica de produção de sentidos”.

Após esta introdução, seguem as lentes teóricas acionadas, os caminhos metodológicos percorridos, resultados encontrados, discussão, conclusões e referências bibliográficas.

2 REPRODUTIBILIDADE CAPITALISTA NOS OBJETOS CULTURAIS DIGITAIS E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DAS VIDAS

As tecnologias digitais, conectadas ou não a internet, por meio de múltiplas telas (celular, computador etc) chegam aos cotidianos modificando as lógicas de presença, espaço e tempo, por exemplo. São elas mesmas representações da atualidade da comunicação, do inevitável, junto a promessas de autonomia e conforto com pretensões de universalização de serviços (Simões, 2023, p. 43).

Uma relação, certamente, sem linha de chegada. Paula Sibilia (2014) coloca, sim, essa lógica num campo de discussão sobre otimização dos corpos e da vida. De consumo à consumismo, de cidadão à consumidor (Sibilia, 2014), os corpos e suas maquinarias viram uma linha do tempo passar diante de si: de uma sociedade disciplinar para uma de controle. Segundo Foucault (2009, p. 11) essas transições são atravessadas por dispositivos de poder, “um poder que remete a aptidões diretamente inscritas no corpo ou mediatizadas por dispositivos instrumentais”.

Esses aparelhos, principalmente telefones celulares, passam horas em nossas mãos, capturam atenção, energias, o próprio tempo, com isso captura também comportamentos ao passo que os molda - são as coisas que fazemos e que também nos fazem (Miller, 2007). Dessa forma, se propõe retomar as discussões foucaultianas sobre dispositivo a partir de Agamben (2009). Ele afirma que “dispositivo” é “um termo técnico decisivo na estratégia de pensamento de Foucault” (Agamben, 2009, p. 9).

Ele diz ainda que Foucault não deixou definição apropriada, mas há aproximações a isso quando diz que dispositivo seria um “conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc” (Agamben, 2009, p. 9). O autor reforça ainda que, segundo Foucault, “...dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos” (Idem). Adiante, diz que o “dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder”, na mesma esteira, “é algo geral porque inclui em si a episteme” (Agamben, 2009, p. 10).

Agora, é Paula Sibilia (2014) quem ajuda a pensar em dois regimes, envoltos de aparatos tecnológicos evidentes, que contam a história da (re)elaboração dos corpos. A autora reflete que a modernidade molda os corpos a partir de “paredes” específicas (o manicômio, a prisão etc.), o corpo é disciplinado e se torna útil por meio de processos de docilização

(Sibilia, 2019). Nesta lógica, a violência é física, o articulador é o Estado e o regime de normalização dos corpos é operado de maneira mecânica.

Adiante, quando reflete sobre o nosso tempo, diz que o regime predominante é o digital e a instituição articuladora é o Mercado (Sibilia, 2019). Nessa lógica, a violência é simbólica, adesão por meio da persuasão, os corpos estão em constante (re)programação, são mais permeáveis, projetáveis. Ainda segundo a autora, o que chama de paradigma bio-informático tem uma maquinaria emblemática: as tecnologias digitais (caixas eletrônicas, cartões de crédito e débito, informatização geral do sistema financeiro etc.) (Sibilia, 2019 *apud* Simões, 2023).

Sibilia expõe ainda a questão da servidão. Independentemente do regime e da instituição articuladora (Estado ou Mercado), os corpos, chamados cidadãos (modernidade) ou consumidores (contemporaneidade), servem à uma lógica colocada, imposta e dirigida, por uma coletividade (Sibilia, 2019). Coletividade mercadológica que articula o discurso, entre outros, da “sociedade da informação”. Para Sibilia (2014, p. 14), a dita “sociedade da informação” é fusão aprofundada entre homem e técnica que acabou por se tornar a problemática, diria, de um presente. Presente, este ocidental, constantemente reelaborado pela lógica do capital.

Tiranania da atualização constante, otimização dos corpos e da vida. Não seria errôneo “definir a fase extrema da consolidação capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos” (Agamben, 2009, p. 14). O consumo desses aparelhos é demarcado – pensado, criado, articulado – pelo mercado, em direção à instrumentalização das relações e dos processos (Miller, 2007).

Consumo como forma de compreender a nossa humanidade, é o que advoga Miller (2007). Ele faz um breve histórico do consumo. Do ato de consumir como oposição à produção. Passando por conotações negativas ligadas ao mercado, chegando até um tipo de comportamento que pode ser visto como fenômeno ligado às tecnologias (Miller, 2007).

A cultura material entende o consumo como um fato em si, fenômeno que diz sobre uma complexidade resultado da soma: humanidade mais sua inseparável materialidade (Miller, 2007, p. 47). E quando a materialidade é digital? Segundo Miller e Horst (2015), o termo é definido como “tudo que pode, fundamentalmente, ser reduzido a código binário, mas produz um aprofundamento na proliferação das diferenças e particularidades” (p. 91).

Nesse contexto, os autores dizem que “...muito do debate sobre o digital e o humano está na premissa da ameaça que o primeiro impõe ao último” (Miller, 2007, p. 93). Ameaça

vista, por exemplo, a partir da relação instrumentalizada pela tecnologia imposta a grupos sociais específicos (Simões, 2023). Ameaças a autonomia intelectual e independência na realização de processos, quando os códigos são homogêneos e opressores, quando a materialidade é seletiva e falha no criar relações. Por isso, “...uma contribuição crítica das tecnologias digitais é o jeito que elas exacerbam, mas também revelam estas contradições” (Miller e Horst, 2015, p. 97).

Isto posto, seguem os caminhos metodológicos aplicados na direção dos objetivos da pesquisa na dimensão apresentada aqui.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Como já colocado, esta é uma pesquisa qualitativa que se propôs partir das experiências digitais e conectadas de pessoas com 60 anos ou mais, frequentadoras da Universidade da Terceira Idade (UNITERCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém do Pará, a caminho de um mapeamento das tensões que perpassam essas relações tecnológicas digitais, assim como de identificar os possíveis prejuízos a autonomia desses indivíduos. A pesquisa teve plano de trabalho aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPA, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), via parecer consubstanciado de número 5.033.037 de 2021.

A coleta de dados primários se deu por meio de formulário semiestruturado (Manzato e Santos, 2012) e grupos focais on-line (Trad, 2009, p. 780; Bordini e Sperb, 2011). A primeira técnica (formulário) levantou comportamentos digitais mais amplamente devido circulação que ultrapassou a região amazônica, de 2020 a 2021, recebendo respostas de 52 pessoas das outras regiões brasileiras, exceto do Centro-Oeste. Já a segunda técnica (grupo focal) foi aplicada em 2021, deu conta de 4 (quatro) encontros ao vivo via Google Meet, registrados (gravados), recebendo o total de 28 pessoas da região metropolitana de Belém e resultou em mais de 8 (oito) horas de gravações. Em resumo, foram 80 (oitenta) interlocutores da pesquisa, de 59 a 92 anos de idade, em maioria mulheres.

Desafios se apresentaram em ambas as formas de coleta. O formulário digital atingiu pessoas com mais instrução/educação formal e perfil econômico médio para alto. Contudo, o espaço do formulário permite apenas expressão em palavras escritas o que parece ter influenciado nas respostas que se apresentaram tímidas, curtas (não mais que 2 linhas) e de

cunho mais formal.

Já os grupos focais on-line se confirmaram como espaço de trocas e ampliação de experiências, pessoais e profissionais, para os interlocutores da pesquisa. Mesmo tendo estrutura parecida com GFs tradicionais, aqueles aplicados via internet apresentam particularidades como a economia de custos de deslocamento quando usados para obter dados de populações espalhadas geograficamente ou de difícil acesso (Bordini e Sperb, 2011, p. 439). Acrescenta-se a situação própria produzida pela pandemia de Covid-19 em que o afastamento físico se apresentou como estratégia de manutenção da saúde. Desafio acrescentado a esses se refere ainda às experiências dos interlocutores da pesquisa que, eventualmente, mostraram dificuldades de utilização da ferramenta de videoconferência citada, mesmo que já a utilizassem para outros encontros no contexto da própria UNITERCI, no primeiro semestre de 2021.

A Análise Temática (AT) segue como frente de análise por se apresentar como método de identificação, análise, interpretação e relato de padrões (temas), colaborando na análise interpretativa dos dados (Braun e Clarke, 2006, p. 81), por meio de procedimentos delineados com flexibilidade para tentar apreender as complexidades da empiria. De modo geral, não há passo a passo relacionado a análises do tipo e, sim, orientações amplas relacionadas a fases não representando um processo linear (Souza, 2019, p. 56), como em Braun e Clarke (2006, p. 64): (1) familiarização com o coletado, (2) codificação inicial, (3) busca por temas, (4) revisão desses temas, (5) definição e nomeação dos temas, por fim, (6) produção de relatório.

Em auxílio ao processo de análise, o software Iramuteq foi utilizado para tratamento inicial dos dados e a tomada de decisão que se seguiu, tendo sido fundamental nas fases 2 a 5, como indicado por Braun e Clarke (2006). Vale considerar, ainda, o movimento “vaivém” (Souza, 2019) de leitura e releitura mais subjetiva de todo o material, ordenado ou não, na mobilização da atenção para ocorrências de múltiplas profundidades (Simões, 2023, p. 66). Assim, com o Iramuteq foram realizadas análises estatística, de similitude e de especificidades, a classificação hierárquica descendente (CHD) e nuvem de palavras.

Isto posto, seguem os resultados da pesquisa na direção do mapeamento das tensões e discussão sobre relações tecnológicas de comunicação e autonomia no envelhecimento, como já colocado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A começar pelo perfil dos interlocutores da pesquisa foram 80 pessoas, de 59 a 92 anos de idade, 78% mulheres e 22% homens (média entre os respondentes dos formulários e os participantes dos GFs). A escolaridade e a renda variaram bastante, enquanto os respondentes do formulário apresentaram maiores índices, indicando graduação completa até especialização e pós-graduação acadêmica, além de renda de mais de 3 salários mínimos, a maioria dos participantes dos GFs apresentou ensino médio completo, além de maior ocorrência de assalariados mínimos (Simões, 2023, p. 73 e 101).

Sempre seguidas das respectivas quantidades de menções, estas são as palavras de maior ocorrência no horizonte da pesquisa: filho (94), amigo (88), celular (68), aprender (63), entender (58), bancário (51), trabalho (48), internet (48), WhatsApp (45), comunicação (42), comprar (34), pagar (38), dinheiro (37), Deus (33), família (29), pandemia (29), medo (27), obrigar (26), empréstimo (27), tecnologia (26), participar (26), aplicativo (25), exigir (23), precisar (23), necessário (21), cartão (20), usar (19), atualizar (17), utilizar (15), Facebook (15) (Simões, 2023, p. 80 e 104).

Os interlocutores colocaram, a partir das próprias falas e interações, que as tecnologias de comunicação se tornaram obrigatórias no contexto da pandemia de Covid-19, inevitáveis, quando antes poderiam ser evitadas eventualmente. Também situaram essa essencialidade como paradoxal, grosso modo, apresentando pontos considerados positivos e negativos. Dentre os positivos estão as facilidades em se comunicar no contexto de afastamentos físicos e de impossibilidades de saúde, também foi considerado positivo o acesso às informações de interesse com rapidez, por exemplo, movimento que representa aqui a face tecnológica de comunicação conectada à utilidade. Outro ponto que se considerou positivo foi quando os interlocutores disseram perceber essa relação comunicativa atual como ambiência (ferramenta) de aprendizado (Simões, 2023, p. 130).

No mesmo contexto, essas tecnologias cotidianas representam pressão social pela necessidade de usos, correndo o risco da dependência constante na realização de processos (emissão de documentos, serviços bancários etc) caso as ditas competências digitais não façam parte do conjunto de conhecimentos dos indivíduos, além da possibilidade de exposição indevida de dados pessoais na internet devido pouco ou nenhum conhecimento no campo da segurança digital (Simões, 2023, p. 130).

Por isso, a preocupação e o medo na direção da vulnerabilidade de dados on-line está

presente nessas falas à medida que uma dupla culpa aparece, (1) o receio em si de fazer algo errado por falta de entendimento dos espaços/plataformas digitais e, ainda, (2) a inquietação sobre os interesses do mercado sobre os dados pessoais coletados a cada interação *on* ou *offline*.

Sem dúvida, deve-se pensar para além do paradoxo em sua dualidade mais comum ou mais percebida: positivo x negativo. No horizonte da pesquisa, também é possível pensar nas “qualidades contraditórias presentes em uma mesma tecnologia, capazes de afetar a experiência de consumo” (Angelkorte, Pessôa e Santos, 2021, p. 18). Esses paradoxos podem gerar mais experiências negativas do que positivas, segundo estudo aplicado a pessoas idosas, o que pode fazer com que optem pelo afastamento da(s) tecnologia(s). Segundo o mesmo estudo, 5 (cinco) são os paradoxos mais ocorrentes no contexto da pesquisa: (1) engajamento x desengajamento, (2) integração x isolamento, (3) competência x incompetência, (4) continuidade x assincronicidade e (5) autonomia x vício (Angelkorte, Pessôa e Santos, 2021, p. 30 *apud* Simões, 2023, p. 165).

De modo geral, essas contradições fazem perceber, em fluxo não linear, que a experiência social que esteja do lado da autonomia, por exemplo, conta com vivências a partir de conjuntos de competências, permitindo as características continuidade, então, integração e engajamento. Isso significaria que na ausência de ao menos uma dessas características a autonomia é inexistente?

De partida, entende-se autonomia ou autonomia digital “como expressão que traduz um estar no mundo ciente de si e minimamente ciente dos aparatos cotidianos de comunicação” (Simões, 2023, p. 157). É ter consciência em tomadas de decisão, mesmo que as competências digitais sejam consideradas rasas, de alguma maneira.

Fala-se, aqui, em indivíduos que mergulharam na pandemia em duas frentes de ação, mais ou menos definida: (1) de maneira formal ou informal passaram a estudar sobre como se comunicar e realizar serviços on-line, ainda assim, tiveram ajuda pontual de familiares para resolver questões legais, entre outras; (2) outros interagiram centralmente por meio do WhatsApp e, em ocasiões específicas, passaram a ter as senhas bancárias administradas por familiares, realizaram compras ou sacaram dinheiro presencialmente, mesmo com restrições de horários de funcionamento das respectivas instituições e, quase sempre, com auxílio de familiares e amigos considerados de confiança.

O que parece algo distante ou mesmo de bordas pouco definidas pode ser percebido nas falas de interlocutoras da pesquisa que colocam situações práticas, a partir das próprias

vivências de angústia. Durante um dos grupos de foco on-line, por exemplo, uma das participantes não conseguiu identificar a própria imagem.

É... Feliz por estar participando com todos vocês, não é? A comunicação pra mim, realmente, eu ainda estou atrás dela, não é(?), de melhorar a minha participação nessa comunicação porque no momento, por exemplo, eu não estou me vendo, não é(?), e eu não sei o que tá acontecendo. Eu não sei muito, ainda, trabalhar... Como disse, agora, a Dona E., é uma coisa muito nova pra todos nós, não é? Então, eu ainda não sei muito lidar com esse aparelho, com essa aparelhagem, não é? Sei lá, essa situação toda. Mas, tô muito feliz de estar participando e agradecendo pelo conhecimento que você vai nos transmitir. Obrigada (Interlocutora, Mulher, 63 anos 2021; trecho da transcrição; Simões, 2023, p. 158).

Outra intervenção veio em crítica à relação familiar, por exemplo, quando o aprendizado e a aquisição de conhecimentos pode representar independência de processos. Contudo, sem dúvidas é possível perceber o pensamento autônomo, mesmo em situação restritiva.

Eu não uso a internet, gostaria de aprender, em compras on-line, não é? Eu tenho muito medo de passar o cartão, de dar meu cartão. Aí, é isso que eu queria aprender muito porque eu gostaria de fazer compras, assim, via internet. Mas, ainda não consegui... e sempre meu filho diz que é perigoso. Eu quero aprender, mas ele acha que é perigoso... Aí, isso que eu quero aprender, por minha conta, sem ter a opinião dele – que é perigoso ou não [sorriso] (Interlocutora, Mulher, 63 anos, 2021; trecho da transcrição; Simões, 2023, p. 159).

Também foi percebido que durante a pandemia de Covid-19, como ainda antes desse período, essas relações já existiam e parecem ter sido intensificadas. O mapeamento fez emergir, no mesmo movimento, configurações familiares mais restritivas, em que os indivíduos mais velhos são tutelados como estratégia de proteção - quer queira ou não -, e outras mais autônomas, em que a pessoa idosa é parte mais atuante, é vista como sujeito do mundo e é incentivada nessa direção. Autonomia pode estar em pequenas realizações.

Interlocutora: [...] E diga outra coisa aqui, na aula passada você falou que a gente tinha que perder o medo, não foi?

Mediadora: É, é uma dica, não é? Mas, às vezes, a gente continua um pouquinho com medo. Não tem problema.

Interlocutora: Mas aí eu tinha um negócio de um grupo aí que eu queria desativar...

Mediadora: Aham.

Interlocutora: E todo tempo eu fico pedindo pros outros, não é? Aí você acredita que eu já desativei um grupo?

Mediadora: Olha só!

Interlocutora: Eu já tirei do meu celular. Eu já resolvi dois problemas. Eu saí da aula... de uma aula aí, que foi uma retrasada, a aula retrasada – sem ser essa de segunda, foi da semana passada.

Mediadora: Aham.

Interlocutora: Eu saí da aula e consegui voltar.

Mediadora: Olha aí.

Interlocutora: A Karina, parece que a Karina, (disse): “Dona R., a Senhora tem que ir não sei onde lá...”. Sei lá onde que eu tinha que ir. Eu fui e voltei pra aula.

Mediadora: E deu certo.

Interlocutora: Já duas coisas eu consegui resolver, que eu só sabia ligar e desligar. E mal o WhatsApp, só.

Mediadora: Olha só! A gente vai descobrindo, não é?

Interlocutora: É! Fui descobrindo. Tô muito feliz, sabia? Obrigada, tá.

Mediadora: Ô, Dona R., que bom! E a gente vai descobrindo mais coisas. Cada vez que a gente vai... não é?

Interlocutora: É! Aí a gente vê que nunca é tarde pra aprender, não é?

Mediadora: Não! Não é não. Pois é!

(Interlocutora, Mulher, 69 anos, 2021; trecho da transcrição; Simões, 2023, p. 161 e 162).

Vale perceber que mesmo entre aqueles e aquelas que não apresentam conjunto de conhecimentos mais aprofundado das plataformas digitais há, sempre, resistências mesmo que no campo do discurso. Importante perceber que as contradições e fatores de pressão estiveram lá e foram enfrentados fazendo aparecer ou intensificar relações tecnológicas de dependência e relações tecnológicas emancipatórias.

De toda forma, essas maquinarias emblemáticas de nosso tempo (Sibilia, 2019) são elas mesmas materialidades digitais (Miller e Horst, 2015) implementadas no meio social em movimento verticalizado, por isso, dispositivos de poder (Foucault, 2009)

instrumentalizadores da vida. Na busca por contradições inerentes à vivência humana, encontra-se aqui, largos afastamentos entre interesse de mercado e interesse social (ou da sociedade).

Dispositivos são colocados em circulação criando fenômenos, ou melhor, realidades que se encontram nas expressões “atrasadas” ou “desatualizadas” a deixar responsabilidades de letramento digital ou da educação midiática para instâncias outras. Essas, por vezes, no campo da educação continuada, para quem pode pagar, ou no campo familiar, por exemplo. Independentemente do modo de procura pela dita “atualização”, formal ou informal, os interlocutores da pesquisa colocam situações, contradições e sentidos aprofundados que fazem ver autonomia imbricada por processos de interdependência, vezes angustiantes, vezes libertadoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar mapeamento de tensões que atravessaram as relações tecnológicas de comunicação da pessoa idosa. Assim, apareceram categorias relacionadas às contradições da essencialidade, mesmo no contexto da manutenção do contato durante a pandemia, à necessidade, à facilidade, à utilidade, à pressão social pelos usos da tecnologia em si, à tecnologia como acesso e instância de aprendizado, mesmo que por meio de plataformas consideradas até crípticas quando do afastamento das ditas competências digitais.

Em aproximação ao constructo de partida, se confirmou que a obrigatoriedade de usos dessas plataformas - de redes sociais e, principalmente, de serviços - foi agravada no período de 2020 e 2021 como resultado das restrições de atividades presenciais devido à pandemia de Covid-19. A pessoa idosa que apresentou conjunto limitado de competências digitais se percebeu em relações de independência dificultada, mesmo que em contextos variados de autonomia. O governo de si, as resistências de ordem discursiva ou prática sempre estiveram lá. O reconhecimento dessa instância de reflexão e decisão já representa outra frente relacionada aos núcleos familiares que influenciaram com profundidade aparente pessoas mais velhas que residem com outros familiares.

O que se percebe, de modo geral é que a aquisição de conhecimentos sobre artefatos digitais, o letramento digital, está para além do campo das competências tecnológicas

contemporâneas. Trata-se da complexidade humana, de atualização, influenciada por fatores sociais, econômicos e psicológicos, identificada a partir das tensões produzidas no contexto das relações de comunicação plataformizadas.

A autonomia esteve presente, em definitivo, em gradações diversas. Contudo, a interdependência nesses processos coloca a autonomia em estado de prejuízo quando as relações, *on* ou *offline*, se apresentaram restritivas. Por isso, vota-se necessário se apropriar dos espaços digitais, como forma de tornar os processos no mínimo reconhecíveis e, por fim, mais seguros, “para que a tomada de decisão seja, na medida do possível, do indivíduo como fim inestimável” (Simões, 2023, p. 172).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** Chapecó: Argos, 2009. p. 27-51.

ANGELKORTE, K. F.; PESSÔA, L. A. G. D. P.; SANTOS, N. C. D. Os paradoxos tecnológicos no consumo de smartphones por idosos. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, 2021. 18-37.

BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. Grupos focais online e pesquisa em Psicologia: revisão de estudos empíricos entre 2001 e 2011. **Interação em Psicologia**, Curitiba, 17, n. 2, jul-set 2013. 195-205.

BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. Uso dos grupos focais on-line síncronos em pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, Maringá, jul-set 2011. 437-445.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 2006. 77-101. Disponível em: <<http://eprints.uwe.ac.uk/11735>>. Acesso em: 02 set. 2021.

CASTRO, G. G. D. S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, 2, n. 20, jul. 2015. 101-114.

CASTRO, G. G. D. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galáxia**, 31, abr. 2016. 79-91.

FRANÇA, V.; SIMÕES, P. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 219 p.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Sérgio Alcides Ronald Polito. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 360 p.

MILLER, D. Consumo como cultura material. **Horizontes antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 33-63, novembro 2007.

MILLER, D.; HORST, H. O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 91-111, dezembro 2015.

SANTI, V. J. Princípios Teórico-Methodológicos para entrever Mediação e Mídiação. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Manaus, p. 1-13, maio 2017.

SANTI, V. J. A mídiação não existe: digressões possíveis da teoria da comunicação. In: JR, G. P. **Media Effects** Vol.1: teorias do agendamento, priming e framing. Boa Vista: Editora UFRR, v. 1, 2018. p. 51-71.

SIMÕES, Camila de Andrade. Geração 60+ na internet: relações tecnológicas, tensões e produção de sentidos na pandemia de Covid-19. Orientadora: Elaide Martins da Cunha. 2023. 209 f. Tese (Doutorado em Comunicação, Cultura e Amazônia) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/16105>

SIMÕES, Camila de Andrade. Idosos e internet: mediações nos usos de serviços bancários digitais. Orientador: Walter Teixeira Lima Júnior. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2019. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11243>

SOUZA, L. K. D. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 71, n. 2, maio 2019. 51-67. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005. Acesso em: 02 set. 2021.

TRAD, L. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2009. 777-796.